

A LINGUAGEM DO MATERIAL DIDÁTICO IMPRESSO DE CURSOS A DISTÂNCIA

Vera Horn*

De certa forma, elaborar um material didático é sempre enfrentar sem subterfúgios a realidade concreta, a vida da sala de aula, do ensino; enfrentar as próprias limitações pedagógicas; descobrir o valor extraordinário da clareza como pressuposto, mais que didático, ético da linguagem; localizar com mais nitidez as relevâncias e as irrelevâncias do processo de aprendizagem; atualizar conteúdos; e, talvez o mais importante, a preparação de um material é em si um modo objetivo de prestar atenção em quem nos ouve, não por democratismo demagógico, mas para saber de fato para quem estamos falando. (TEZZA, 2002).

RESUMO

Este artigo tem como objetivo demonstrar a relevância da linguagem na concepção de materiais didáticos impressos e seu papel mediador em cursos a distância. Descreve a necessidade, já apontada pelos Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância (BRASIL, 2007), de conceber um material didático impresso que detenha características próprias e não seja um apêndice dos cursos presenciais. Para isso, ele deverá ser dinâmico e apresentar-se como um diálogo com o aluno, de modo a promover a autonomia do educando e a responsabilização deste pelo processo de aprendizagem, fundamental em cursos desenvolvidos na modalidade a distância. Para refletir sobre a relevância da linguagem na concepção e elaboração de materiais didáticos impressos, usamos os conceitos bakhtinianos de dialogismo, interação verbal e gêneros do discurso a partir das obras *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN, 2006) e *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 1997). Através do desenvolvimento do presente estudo, foi possível observar que é preciso atentar para a importância da aproximação do discurso científico escrito às condições do discurso narrativo (oral), para a adoção de uma concepção de linguagem que conduza o educando à construção do conhecimento e para a utilização de recursos linguísticos que de fato favoreçam a interação.

Palavras-chave: Material didático impresso. Linguagem. Dialogismo.

ABSTRACT

THE LANGUAGE OF PRINTED LEARNING MATERIAL FOR DISTANCE LEARNING COURSES

This article aims to demonstrate the importance of language for the development of printed learning materials and their role as a mediator in distance courses. It describes the need to design printed learning materials that present their own features and not be simply an

* Doutora em Estudos de Italianística pela Università di Pisa, Itália. Professora de Língua Portuguesa na Università Ca' Foscari di Venezia. Endereço para correspondência: Rua Monjolo, 101 - Ilha do Governador. CEP: 21930-376. Rio de Janeiro-RJ. vhverahorn@gmail.com / vera.horn@unive.it

appendix of lessons conducted in traditional classes, what has already been identified by the Quality Benchmarks for Distance Learning Higher Education (BRASIL, 2007). For that, it must be dynamic and presented as a dialogue with the student, in order to promote the autonomy of the student as well as their accountability to the learning process which is key for the development of the distance courses. To reflect on the importance of language in the design and the creation of teaching printed materials we are based on Bakhtinian concepts of dialogue, verbal interaction and genres of discourse from *Marxism and Philosophy of Language* (BAKHTIN, 2006) and *Aesthetic of Verbal Creation* (BAKHTIN, 1997). According to the findings of this study, it is possible to realize the importance of approaching scientific discourse to narrative discourse, particularly to adopt a conception of language that enables the learner to develop the knowledge as well as the practical use of linguistic capabilities that encourage interaction.

Keywords: Printed learning materials. Language. Dialogism.

Introdução. A especificidade do material didático impresso no contexto da educação a distância

Programas, cursos, disciplinas ou mesmo conteúdos oferecidos a distância exigem administração, desenho, lógica, linguagem, acompanhamento, avaliação, recursos técnicos, tecnológicos e pedagógicos, que não são mera transposição do presencial. Ou seja, a educação a distância tem sua identidade própria. (BRASIL, 2003).

A educação a distância vem sofrendo um incremento ao longo dos tempos (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2013; SANCHEZ, 2008), e essa contínua expansão leva à necessidade de rever e reformular tecnologias e materiais didáticos de apoio. Nessa modalidade de ensino, a construção do saber é apoiada por uma interação de mídias e, sobretudo, por uma liberdade de tempo e espaço no que se refere ao processo de aprendizado. Essa liberdade, no entanto, deve resultar em qualidade, e para que isso ocorra, é necessário que o material didático apresentado ao aluno seja estruturado “de acordo com os princípios epistemológicos, metodológicos e políticos explicitados no projeto pedagógico, [...] além de ser dialógico e trabalhar com a hipertextualidade [...]” (CATAPAN et al, 2010). O material didático impresso é o elemento essencial para o processo de ensino-aprendizagem a distância, principalmente porque é o responsável pela comunicação professor-aluno. Nos materiais didáticos para cursos a distância, mormente os impressos, a linguagem tem um papel preponderante.

Ela age como facilitadora da aprendizagem e é através dela que o aluno realizará a interação com o professor e com o conteúdo/tema e, dessa forma, deverá ser concebida de modo a propiciar um diálogo com ele. Neste artigo, tal interação é concebida à luz das reflexões de Bakhtin sobre os gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997), dialogismo e interação verbal (BAKHTIN, 2006), e a partir desse lugar teórico serão focalizadas as questões concernentes a esse aspecto da linguagem. Considerando-se os desafios da educação a distância, sugere Silva, I. (2011, p. 335), o professor descobre-se autor de conteúdos pedagógicos, ou seja, autor de materiais didáticos que “precisam desenvolver competências comunicativas e priorizar uma abordagem dialógica na produção textual”. É, pois, fundamental refletir sobre o material didático impresso para educação a distância que ressignifique a prática pedagógica e constitua um apoio ao processo de aprendizagem do aluno, ancorado na autonomia.

A tecnologia da informação é fator preponderante na constituição da modernidade líquida, como afirma Zygmunt Bauman (2001), expressão que designa a época atual, caracterizada pela liquefação das estruturas e instituições sociais. Nesta época, marcada pela constante mobilidade, dinamismo e transformabilidade, insere-se a educação a distância, doravante denominada EAD, processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias. A tecnologia da informação tem, ademais, uma função mediadora de grande importância nessa época, contribuindo para alterar inclusive as relações entre os sujeitos e as relações espaço-temporais.

Embora a Educação a Distância (EAD) como metodologia educacional não seja novidade, é inegável sua expansão crescente no Brasil, o que pode ser explicado por vários fatores, dentre eles a necessidade de democratizar o ensino, sobretudo universitário, expandindo-o aos trabalhadores que não podem frequentar uma sala de aula, aos que moram em centros distantes das universidades e ao mundo corporativo, sem contar a flexibilização de vínculos espaço-temporais que a educação a distância proporciona. A exigência de qualificação e atualização sempre maiores no mercado de trabalho também contribui para a expansão de cursos a distância. Segundo o Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância 2008 (SANCHEZ, 2008), de 2003 a 2006, o número de cursos de graduação a distância passou de 52 para 349, equivalente a um aumento de 571%, de acordo com o levantamento feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Da mesma forma, o ingresso de alunos em cursos a distância passou de 49 mil em 2003 para 207 mil em 2006, equivalente a um aumento de 315%. A Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) calcula que em 2007 mais de dois milhões de brasileiros fizeram uso de cursos a distância. As matrículas em cursos a distância aumentaram 400%, segundo o INEP. A EAD, segundo o ABRAEAD 2008, integra o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). A oferta de cursos a distância através do sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) é distribuída em 289 municípios brasileiros e inclui 49 instituições de ensino superior. Segundo o Censo EAD 2013, nos cursos a distância há uma média de 390,67 alunos por curso (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2013, p. 21).

Essa rápida expansão impõe a necessidade de se discutirem tecnologias de informação e comunicação (TIC) e materiais didáticos adequados ao ensino a distância. No desenvolvimento e implantação de cursos a distância diversas questões devem ser consideradas para o êxito e a qualidade, uma das quais diz respeito à produção do material didático (impressos, audiovisuais ou digitais) e, mais especificamente, do material didático impresso, doravante denominado MDI. Mesmo com o incremento sempre crescente das TIC, os MDI ainda detêm posição

de liderança nos cursos a distância. De acordo com Moran (2007), a mídia predominante em 84% das instituições brasileiras é o MDI. Moore e Kearsley (2007) também afirmam a preponderância do MDI sobre outros “meios de comunicação” na EAD. As razões que explicam essa preferência estão relacionadas à utilização tradicional do meio impresso no processo de ensino-aprendizagem (familiaridade), facilidade de manuseio e transporte e possibilidade de leitura sem a necessidade de equipamentos ou acessórios.

Como aponta Barrenechea (2001 apud BELISÁRIO, 2006), as aulas em EAD estão organizadas em um espaço pedagógico chamado material didático. Decorre daí a importância do material didático para o ensino a distância que, como sabemos, não conta com a presença física do professor e com a convivência de professores e alunos em um mesmo espaço e tempo, ou seja, o material didático medeia o processo de ensino-aprendizagem. Por esse motivo, ele deve estimular e motivar o aluno através de recursos que despertem sua atenção e estabeleçam uma interação com ele, tais como dialogismo, interatividade, estímulo à autonomia e à pesquisa. O processo de construção de material didático para EAD opera uma ruptura radical no sistema tradicional emissor-mensagem-receptor, pois o emissor não emite apenas, como se entende tradicionalmente, mas oferece um leque de elementos e possibilidades para a manipulação do receptor (SILVA, 2000 apud BELISÁRIO, 2006). Segundo Belisário (2006, p. 137), “entre os diversos problemas que se identificam no desenvolvimento de programas de EaD, um dos mais importantes é o que diz respeito ao material didático”. Segundo esse autor, a análise de propostas encontradas em sites de universidades revela a fragilidade desse material, que por vezes consiste em simples tutoriais, apostilas ou sugestões de leituras apenas. A importância do material didático em EAD foi resumida por Elizabeth Rondelli (2007) em termos de relevância da interação, qualidade da apresentação, clareza de metodologia e linguagem, riqueza de sugestões, potencialidade atrativa e qualidade:

O material didático representa uma das principais relações que o aluno estabelece com aquilo que aprende. É um meio importante de interação entre o professor e o aluno, pois é uma forma de orientar

o aluno em um oceano de possibilidades. Por isso, o material didático precisa ser de ótima qualidade, ter uma apresentação impecável, revelar a metodologia implícita no processo de elaboração, dar conta dos temas abordados de modo claro, trazer um roteiro rico em possibilidades de leituras, pesquisas e atividades, além de estimular o aluno a ter o prazer de voltar para ali; ou seja, seduzi-lo. Produzir material didático é uma tarefa complexa, que demanda uma equipe com excelente formação acadêmica e cultural. (RONDELLI, 2007).

Como afirma Rondelli (2007), a criação de material didático ou de MDI é uma tarefa complexa a ser realizada por uma equipe formada por profissionais diversos: professores conteudistas, *designers* (gráficos e *web designers*), revisores, ilustradores, entre outros. A articulação entre as diversas áreas relativas à elaboração de material didático dá-se através do design instrucional, que também é responsável, nesse contexto específico, pela concepção e desenvolvimento de materiais, assumindo nesse processo diversas funções, como criação de roteiros; seleção de conteúdos e recursos gráficos; desenvolvimento da estrutura do material, com a definição de sequências e apresentação de atividades; elaboração de associações entre conteúdos; adequação de conteúdos e propostas de avaliação ao curso e ao perfil do público-alvo. O design instrucional agrega as áreas específicas do conhecimento às pedagógicas (e eventualmente às tecnológicas, quando se trata de material audiovisual ou digital) sem perder de vista os objetivos e o projeto político-pedagógico do curso. A relevância do profissional responsável pelo design instrucional na elaboração de material didático ou MDI é facilmente compreendida quando Moore e Kearsley (2007, p. 116) afirmam que “uma das razões pela qual uma pessoa se matricula em um curso de aprendizado a distância em vez de simplesmente pesquisar somente a matéria é que um curso de estudos proporciona uma estrutura do conteúdo e do processo de aprendizado”.

O projeto político-pedagógico de um curso a distância deve explicitar o material didático como um dos itens obrigatórios:

[...] o material didático, tanto do ponto de vista da abordagem do conteúdo, quanto da forma, deve estar concebido de acordo com os princípios epistemo-

lógicos, metodológicos e políticos explicitados no projeto pedagógico, de modo a facilitar a construção do conhecimento e mediar a interlocução entre estudante e professor, devendo passar por rigoroso processo de avaliação prévia (pré-testagem), com o objetivo de identificar necessidades de ajustes, visando ao seu aperfeiçoamento. (BRASIL, 2007, p. 13).

Os outros itens que devem constar desse projeto são: concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem; sistemas de comunicação; avaliação; equipe multidisciplinar; infraestrutura de apoio; gestão acadêmico-administrativa; sustentabilidade financeira. Como afirmam os Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância lançados pelo MEC em 2007 (BRASIL, 2007), esses tópicos podem se interpenetrar e se desdobrar, dando origem a outros tópicos menores. Nesse sentido, no que se refere ao material didático, o documento sublinha a necessidade de se compreender a diferença entre material didático concebido para cursos presenciais e a distância. Os materiais didáticos, ainda segundo o documento, devem “ser estruturados em linguagem dialógica, de modo a promover autonomia do estudante desenvolvendo sua capacidade para aprender e controlar o próprio desenvolvimento” (BRASIL, 2007, p. 15). Uma das características primárias da EAD é o fato de o professor não estar presente quando o aluno tem em mãos o MDI e, dessa forma, a linguagem dialógica reiterada pelo documento constitui não só uma exigência do MDI para cursos a distância, bem como o diferencia do material didático concebido para cursos presenciais, que contam com outros recursos.

Não é possível transferir o material didático elaborado para cursos presenciais aos cursos a distância que, em vista de suas peculiaridades, requerem material próprio elaborado por uma equipe multidisciplinar, como sublinham os Referenciais de Qualidade do MEC. Rondelli (2007) destaca a diferença entre materiais concebidos para cursos presenciais e a distância, salientando a importância da interatividade e da colaboração, fundamentos da EAD:

Em linhas gerais, o material utilizado na EaD deve propor atividades que o aluno realize mesmo estando só, ou com um pequeno grupo de colegas virtuais. Também deve potencializar a interatividade, de

modo que a construção do conhecimento seja feita de maneira colaborativa, para que o aluno não se sinta isolado no tempo e no espaço.

O material didático impresso para EAD e a importância da linguagem

A vida começa apenas no momento em que uma enunciação encontra outra, isto é, quando começa a interação verbal, mesmo que não seja direta, 'de pessoa a pessoa', mas mediatizada pela literatura. (BAKHTIN, 2006, p. 183, grifo do autor).

Hélio Oiticica, na obra *Aspiro ao grande labirinto*, ao definir o parangolé, estabelece “uma relação que torna o que era conhecido num novo conhecimento e o que resta a ser apreendido, um lado poder-se-ia dizer desconhecido, que é o resto que permanece aberto à imaginação que sobre essa obra se recria” (OITICICA, 1986, p. 66). Podemos associar essa relação à elaboração do MDI para EAD, pois o conhecimento precisa ser construído através da linguagem e do *layout*/imagem, em sintonia com o conteúdo específico e os aspectos pedagógicos, articulados pelo design instrucional.

Como afirmam Catapan e colaboradores (2010), para a elaboração de um material didático de excelência que alcance seus objetivos, alguns princípios devem ser atendidos, dentre os quais:

[...] acesso aos conhecimentos fundamentais à compreensão crítica da situação apresentada e à sua intervenção no contexto social, político e cultural; estímulo à reflexão sobre os meios, recursos e estratégias de transformação da realidade vivenciada durante a construção do conhecimento; acesso a informações mínimas que possibilitem a organização do conhecimento prévio trazido pelo estudante; referências básicas e complementares com o intuito de instigar o próprio estudante a explorar mais os assuntos apresentados a partir das suas necessidades.

Oiticica (1986, p. 74, grifo do autor) reitera que “a antiga posição frente à obra de arte já não procede mais - mesmo nas obras que hoje não exijam a participação do espectador, o que propõem não é uma contemplação transcendente mas um ‘estar’ no mundo”. Podemos mais uma vez associar a questão postulada pelo artista ao material didático, pois o aluno-leitor terá que participar dele através da interação, como também permanecerá aberto a

novos conhecimentos, como nos ensina o parangolé de Oiticica. O texto deve, portanto, ser interativo, pois, de acordo com Crescitelli e Campos (2006), quanto mais interativo ele for, melhor será a compreensão dos novos conhecimentos, como também a organização dos conhecimentos já adquiridos. Essa interação, cujos fundamentos remontam a Bakhtin, pode ser construída através de recursos linguísticos e só se realiza de fato na leitura do texto, dirigido a um interlocutor.

Os Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância (BRASIL, 2007, p. 13) explicitam claramente que a experiência com cursos presenciais não é suficiente para assegurar a produção de material didático adequado para cursos a distância: “A produção de material impresso, vídeos, programas televisivos e radiofônicos, videoconferências, CD-Rom, páginas WEB, objetos de aprendizagem e outros, para uso a distância, atende a diferentes lógicas de concepção, produção, linguagem, estudo e controle de tempo”.

O mesmo documento reitera que o material didático deve facilitar a construção do conhecimento e mediar a interlocução entre professor e aluno e propiciar interação entre os diversos sujeitos envolvidos no processo e, para isso, ele deve, entre outros requisitos, “ser estruturado em linguagem dialógica, de modo a promover autonomia do estudante desenvolvendo sua capacidade para aprender e controlar o próprio desenvolvimento” (BRASIL, 2007, p. 15).

Os Referenciais de Qualidade apontam, portanto, para a importância da linguagem no processo de produção de materiais didáticos para cursos superiores a distância a partir de três elementos principais: o material didático tem uma linguagem específica; ele exerce um papel mediador entre professor e aluno; e, finalmente, ele deve propiciar interação entre os sujeitos envolvidos (BRASIL, 2007). Todos esses elementos apontam para a importância da elaboração do material didático em cursos a distância e, em particular, da linguagem utilizada em tais materiais.

Na educação a distância, afirma Mill (2009), observamos um redimensionamento da definição de aula na Idade Mídia e, por consequência, da figura do docente e do educando. O que diferencia uma aula presencial de uma aula a distância? Segundo o

autor, “a linguagem e as tecnologias utilizadas, as estratégias docentes de sedução e motivação (ou de persuasão), a interatividade, a relação com o saber, entre outros, são algumas diferenças” (MILL, 2009, p. 41). Como atualmente a educação a distância é baseada, sobretudo, na mídia impressa ou digital, é fundamentada, na maioria das vezes, na linguagem escrita, trazendo “diferenciações na natureza do ensinar-aprender” (MILL, 2009, p. 41).

Artigos científicos, manuais, ensaios e livros-texto são frequentemente utilizados em cursos superiores presenciais como corolários das aulas. Em cursos a distância, a utilização exclusiva de tais textos pode incorrer em determinados obstáculos justamente pelo fato de o curso ser a distância, isto é, pelo fato de professor e aluno não compartilharem o mesmo espaço e tempo. Esse aspecto faz do aluno que estuda a distância o foco do processo de ensino-aprendizagem e exige que ele seja o agente do processo, sem a intermediação direta do professor. A não presencialidade do professor exige do aluno maior responsabilidade por sua aprendizagem e vivência com a linguagem. Para isso, a linguagem adotada no material didático deverá ser caracterizada como um diálogo com o leitor-aluno.

Segundo Moore (1989), são três as interações presentes no ensino a distância: aprendente-conteúdo (material didático), aprendente-professor e aprendente-aprendente. A primeira, definida pelo autor como uma qualidade distintiva da educação, também diz respeito à qualidade do material didático. As reflexões de Moore (1989) aliadas aos princípios expostos nos Referenciais de Qualidade para cursos superiores a distância apontam para a mediação e a interação como aspectos fundamentais do ensino a distância. Nesse contexto, a linguagem desempenha papel fundamental.

Que linguagem para o material didático impresso para EAD?

O texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos dos outros. (ECO, 1985, p. 39).

Bakhtin (1997), ao introduzir suas reflexões sobre os gêneros do discurso, aponta para a questão

da especificidade dos recursos linguísticos quando afirma que a utilização da língua efetua-se na forma de enunciados e que estes refletem as condições e finalidades do âmbito ou da esfera da comunicação, não só pelo conteúdo, mas também pela seleção dos recursos da língua: fraseológicos, lexicais e gramaticais. Dentre os recursos linguísticos, Bakhtin cita o uso de formas pronominais, modais, verbais e orações, que serão escolhidos a partir de “uma reserva imensa de recursos” (BAKHTIN, 1997, p. 327) da língua em função do enunciado e do destinatário. Quando considerado isoladamente, um enunciado é individual, mas, como afirma o autor, cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais chamamos gêneros do discurso. Para Bakhtin (1997, p. 279), ainda, “a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve”.

O processo de elaboração do material didático impresso para EAD (MDI) deve, pois, levar em conta dois aspectos que podemos auferir em Bakhtin (2007): trata-se de um gênero específico, como já evidenciaram os Parâmetros de Qualidade para o Ensino Superior a Distância (BRASIL, 2007), e como tal deverá lançar mão de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais para concretizar seus objetivos. O uso de tais recursos está relacionado ao estilo do gênero.

Ao constatarmos que o MDI constitui um gênero específico, torna-se necessário defini-lo a partir dessa perspectiva. Em um interessante artigo, fruto de uma pesquisa sobre o gênero discursivo relacionado à elaboração de material para EAD, Sousa (2009) definiu o gênero discursivo mediacional. Como afirma a autora, em um curso presencial, o docente conta com recursos paralinguísticos (olhar, gestos, movimentos corporais, entonação), além de recursos linguísticos, como a repetição, a paráfrase, a reiteração, entre outros, que contribuem para o processo de aprendizagem. Em um curso a distância, o professor não está presente, e a distância é por vezes responsável pela evasão dos alunos. Torna-se necessário, pois, atentar para que o material didático, em particular o MDI, preencha

essa distância física e proporcione ao aluno uma sensação amigável de presença e envolvimento e o mantenha interessado e motivado no curso. Para Sousa (2009), o gênero discursivo mediacional é caracterizado por aspectos linguísticos, discursivos, sociais e interativos próprios. Trata-se de um pressuposto com raízes em Bakhtin, quando afirma que a escolha de um gênero do discurso é determinada pela especificidade de uma dada esfera da comunicação, das necessidades de uma temática (BAKHTIN, 1997). Que recursos definem, portanto, o gênero mediacional? Trata-se de um gênero híbrido, que pode ter em sua composição registro de outros gêneros e linguagem não verbal (ilustrações, gráficos etc.).

No caso específico do MDI, e no que se refere especificamente à linguagem, o gênero mediacional tem o objetivo de envolver o leitor, isto é, ele deve preencher na escrita o que o curso a distância não pode proporcionar por suas próprias características. Sousa (2009), ao analisar materiais direcionados a um curso de formação continuada para professores, indica elementos que pertencem ao gênero mediacional: contextualização (referência a conteúdos tratados anteriormente, se for o caso; expressões de acolhimento; formalização da aula); paráfrase (como estratégia de reformulação do texto); expressões que marcam fluxo de informação (características da linguagem oral, manifesta-se através do uso de expressões, tais como: além do mais; até aqui; voltemos ao exemplo etc.); tipologias discursivas (discurso direto e indireto); intertextualidade; perífrase (uso de expressões típicas da linguagem coloquial, tais como: vamos fazer; vamos conversar etc.); uso de dêiticos (pronomes pessoais e advérbios de tempo e de lugar que dão o tom do envolvimento entre professor e aluno virtual); repetição (constitui inclusive um recurso mais utilizado na linguagem oral do que na escrita). Essas informações são acrescidas do aspecto multimodal (uso de recursos semióticos articulados aos recursos linguísticos) e das atividades de sistematização. Segundo Sousa (2009), o termo gênero mediacional refere-se à mediação operada no processo de construção de conhecimento por meio de recursos linguísticos que promovam uma interação envolvente do texto (autor, professor) com o destinatário do texto (aluno, leitor).

Percebemos que vários dos recursos utilizados no gênero mediacional têm origem na linguagem oral ou coloquial e são estruturados como uma forma de diálogo com o leitor ou aluno virtual. Dessa forma, constrói-se com o aluno uma espécie de conversa amigável/diálogo, que contribui para preencher o sentimento de solidão relacionado a cursos a distância e ausência física do professor. Mas que recursos específicos são necessários para que o MDI garanta um envolvimento razoável do aluno e contribua efetivamente para a construção de seu conhecimento? O que de fato constitui a interação em um MDI?

Para Bakhtin (2006), toda enunciação é o produto de uma interação verbal entre indivíduos que participam de um território comum; ela procede de um alguém e se destina a outro alguém. Para o autor, a verdadeira substância, a realidade fundamental da língua está contida nessa interação verbal. O locutor enuncia, esperando do interlocutor uma forma responsiva. Essa é a base do movimento dialógico da enunciação. O dialogismo é princípio constitutivo da linguagem. O diálogo,

[...] no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra 'diálogo' num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2006, p. 125).

O diálogo como condição da linguagem, tal como descrito por Bakhtin, dá ensejo a uma relação pessoal no material didático que favorece a motivação e predispõe o aluno para o aprendizado com maior facilidade, de acordo com Crescitelli e Campos (2006). Dessa forma, a linguagem realiza a mediação entre professor e aluno e entre aluno e material didático. Segundo Bakhtin (1927 apud BRAIT, 2002), a obra de arte só se torna tal na interação entre criador e contemplador, pois do contrário ela consiste em um artefato físico ou um exercício linguístico. De forma similar, estendendo a questão da interação para outras situações comunicativas, no MDI a linguagem adquire seu significado mais profundo na interação entre falante (professor), interlocutor (leitor/aluno) e tópico (conteúdo). O material didático para EAD

é, portanto, um canal privilegiado do processo de aprendizagem na direção da autonomia do educando. Como conclui Silva, I. (2011, p. 336, grifo do autor):

O material didático impresso, amplamente revisitado, debatido, discutido, analisado, agora se torna alvo de outras abordagens, novas leituras, diante das características da Educação a Distância como modalidade educacional que aposta na integração de tecnologias no processo de mediação entre docentes e discentes, valorizando a troca, a relação, a interação, o diálogo como eixos fundamentais na redução das distâncias físicas, promovendo-se uma ‘educação sem distância’, na qual todos aprendem e ensinam.

Podemos, portanto, conceber o texto que engendra o MDI como um diálogo entre o professor autor e o aluno. No entanto, diante da concepção dialógica do texto, fundamental para a interação do aluno com o MDI, é preciso considerar que

[...] a língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma realidade. As condições da comunicação verbal, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinados pelas condições sociais e econômicas da época. (BAKHTIN, 2006, p. 157).

A partir das reflexões de Bakhtin (2006), concluímos que os recursos a serem utilizados no MDI em razão da interação verbal e da sua componente dialógica devem levar em consideração que o enunciado está inserido em um determinado contexto (universitário/graduação/pós-graduação/a distância) e imbuído das características expressivas de quem o enuncia. Os recursos selecionados pelo professor autor devem contemplar o leitor virtual: “É sob uma maior ou menor influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona *todos* os recursos linguísticos de que necessita” (BAKHTIN, 1997, p. 327, grifo do autor).

O produto da interação do locutor e do interlocutor, como explica Bakhtin (2006), é constituído pela palavra, que comporta duas faces, determinadas pelo fato de que procede de alguém e é dirigida para alguém: “toda palavra serve de expressão a

um em relação ao outro” (BAKHTIN, 2006, p. 115). No MDI, ambos têm um papel importante, pois o locutor (professor autor) deve ressignificar a função de autor calcada na transmissão de informações, fazendo-se presente no texto, em uma simulação de diálogo com o interlocutor (aluno/público-alvo) em consonância, inclusive, com o redimensionamento da figura do professor na cibercultura, o qual deixa de ser um “fornecedor direto de conhecimentos” (LÉVY, 1999, p. 158). Como pondera Bakhtin (2006, p. 115), a “orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande”. No MDI, torna-se ainda mais notória a importância dessa orientação, uma vez que o aluno deverá responsabilizar-se por sua aprendizagem. A linguagem que favorece a interlocução contribui para o processo de aprendizagem e a construção do conhecimento. Bakhtin (2006) especifica ainda que a forma e o estilo da enunciação são determinados pela situação e pelos participantes mais imediatos. O autor, ao construir o material, leva em consideração as possíveis reações do aluno/público/interlocutor. Cada resposta do interlocutor, questionando, interpretando, criando, sugerindo, constituirá então uma nova resposta. A resposta do interlocutor também será imbuída de suas leituras, de sua visão de mundo, experiências, discursos, em um processo intertextual, ou como afirma Bakhtin (2006, p. 96): “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.”

O MDI elaborado com essa orientação da palavra em função do interlocutor coloca o professor autor frente a um desafio, qual seja, utilizar recursos linguísticos que propiciem uma interação com um leitor virtual ativo. Tais recursos já foram em parte explicitados por Sousa (2009) na definição do gênero mediacional. Entretanto há outras possibilidades de concretizar efetivamente essa interação com o interlocutor. Cazaroto (2007), ao analisar o material didático de um Curso Normal Superior a distância concebido à luz do dialogismo bakhtiniano e estruturado em duas tipologias textuais diferentes, científico e dialógico, observa que este último, concebido sob a forma de

balões, dialoga tanto com o interlocutor (através do pronome você, mesmo que de forma elíptica) quanto com os conteúdos (intertextualidade). No primeiro caso, simula-se a interação professor-aluno e, no segundo, faz-se presente no interior do discurso a intertextualidade, através de um diálogo entre os diversos tipos de texto que fazem parte de nossos discursos. O discurso dos textos que simulam uma interação entre professor e aluno tem marcas características da linguagem oral, entre os quais a redundância. Além de dialogar com o aluno e aproximar-se dele, antecipando seus possíveis questionamentos, o texto também procura direcionar seus estudos, organizando-os e procurando estabelecer uma associação entre o conteúdo teórico e a prática pedagógica.

A construção de um discurso que simule uma conversação real, adotada inclusive no material analisado por Cazaroto (2007), contribui para promover a interação e com isso favorece uma aprendizagem mais eficiente. Para que o MDI seja eficiente para a interação entre o aluno e o conteúdo e entre o aluno e professor, segundo Holmberg (1995 apud CRESCITELLI; CAMPOS, 2006), deve conter: apresentação acessível do conteúdo, através de linguagem clara e simples, mais voltada para o nível informal; conselhos e sugestões para o estudante, acompanhados de justificativas; convites para questionamentos e mudança de opinião; tentativas de envolver emocionalmente o aluno, de modo que se sinta pessoalmente interessado; estilo pessoal, incluindo uso de pronomes pessoais e possessivos. As estratégias linguísticas ou textuais que estabelecem interação no MDI contribuem para um estudo mais prazeroso e motivado, segundo Crescitelli e Campos (2006).

A clareza da linguagem é, pois, um aliado na elaboração do MDI para que possa envolver o interlocutor com maior facilidade, na ausência física do professor. Torna-se, portanto, imprescindível que se minimize a eventualidade de obstáculos na compreensão ou interpretação, mal entendidos e erros. Lévy (1993 apud MILL, 2009, p. 42) chama a atenção para o fato de a comunicação baseada na escrita ser de tipo diferido e, por isso, passível de erros e mal entendidos: “A escrita, ao intercalar um intervalo de tempo entre a emissão e a da mensagem, instaura a comunicação diferida, com todos

os riscos de mal-entendidos, de perdas e de erros que isso implica.”

A própria natureza da educação a distância impõe um redimensionamento do processo de ensino-aprendizagem que se reflete nas funções do docente e do educando e, por consequência, na própria linguagem que fundamenta o processo. Não se trata de uma simples transformação de um processo presencial em outro, a distância, mas, segundo Lévy (1999, p. 171), de “estabelecer novas formas de aquisição de conhecimentos e de constituição dos saberes”. A linguagem redimensionada segundo os critérios anteriormente citados ultrapassa o limite da transmissão de informações na elaboração de MDIs interativos e de qualidade para constituir-se em mediadora da aprendizagem na direção da construção do conhecimento. Para isso, a linguagem do MDI para EAD deve engajar o leitor, estimular a reflexão, as relações entre conteúdos previamente estudados, outros discursos pertinentes e os do próprio material em estudo, a resolução de problemas e o questionamento crítico, contribuindo, dessa forma, para que o estudante seja o foco do processo de ensino-aprendizagem, sujeito do conhecimento e autônomo, como a modalidade a distância exige. Falando de Flaubert, de quem foi tradutor, o escritor Milton Hatoum afirma que “Flaubert inaugurou o romance moderno porque problematizou a linguagem: contar uma história implica na seguinte pergunta: como contá-la?” (HATOUM, 2012). Essa constatação de Hatoum remete-nos ao universo da linguagem dos MDIs pelo mesmo motivo que a associa a Flaubert. No MDI, o professor autor problematiza a linguagem, preocupando-se em como narrar determinada história para seu aluno virtual, sem limitar-se à transmissão de informações. Ao preocupar-se com seu interlocutor, o professor autor exerce sua narrativa, tornando-se capaz de contar histórias. No mesmo texto, Hatoum (2012) revela que “quase ao mesmo tempo ele revela ao leitor que escrever bem não basta: é necessário que a linguagem exata – *le mot juste* – se transforme em literatura”. Da mesma forma, no MDI, escrever bem não basta para que o material seja funcional e de qualidade, mas é preciso que a linguagem exata (clara, objetiva, concisa) se transforme em exercício narrativo que envolve o interlocutor.

Conclusões

A palavra penetra literalmente em todas relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (BAKHTIN, 2006, p. 40).

Como vimos anteriormente, o material didático constitui um dos aspectos mais importantes no desenvolvimento de um curso a distância. Na EAD, o material didático medeia o processo de ensino-aprendizagem, na direção de uma aprendizagem significativa. Pelas próprias características desse processo, ou seja, o deslocamento espaço-temporal entre professores e alunos e a ausência física do professor, esse material didático deve ser concebido de forma a motivar o aluno, manter sua atenção e interesse vivos, estimular sua autonomia e dialogar com ele. Nesse sentido, o material didático, que tanto pode atrair alunos através de sua estrutura e apresentação, como sugerem Moore e Kearsley (2007), como também repeli-los, deve atentar para determinados critérios que contribuirão conjuntamente para sua qualidade e potencial interativo.

A atenção à linguagem é fundamental para o êxito do material didático, especialmente no que se refere ao impresso. A linguagem constitui um elemento fundamental na interação do aluno com o conteúdo. Ela também engendra uma ligação entre o professor e o aluno com características diversas das tradicionais relações entre pessoas que ocupam um mesmo espaço-tempo. A presença da linguagem no MDI está estreitamente relacionada ao redimensionamento do conceito de aula, docente e do processo de ensino-aprendizagem na Idade Mídia (MILL, 2009, p. 41).

A linguagem exerce uma função fundamental na elaboração do material didático de qualidade que serve de apoio à aprendizagem, pois ela não só deve propiciar o acesso ao conhecimento específico, mas deve ser elaborada de acordo com determinados critérios linguísticos e fundamentada no princípio da interação ou do diálogo como condição da linguagem, teorizado por Mikhail Bakhtin (1997, 2006). A utilização de determinados recur-

sos linguísticos, como as paráfrases, repetições de palavras e fonemas, uso de pronomes de primeira e segunda pessoa e uso de marcadores conversacionais imprimem um ritmo de conversação ao texto. É igualmente profícua a formulação de perguntas, pedidos e solicitações, como postulam Crescitelli e Campos (2006), além de remissões a conhecimentos prévios, perífrases, sem perder de vista o contexto em que serão inseridos e o leitor potencial, com que se relacionam dinamicamente. O dialogismo pode também ser caracterizado por um diálogo com outros textos e com a situação sociocultural do aluno, por meio de uma dimensão dialógica entre linguagem e mundo, como adverte Silva, I. (2011, p. 328). De acordo com Sousa (2009), tais estratégias e características fazem parte de um gênero híbrido, o gênero mediacional.

Não obstante a variedade e evolução tecnológicas à disposição hoje, a EAD é em grande parte baseada na mídia impressa e, conseqüentemente, fundamentada na linguagem escrita. Nesse sentido, além de provocar um redimensionamento do conceito de aula e do processo de ensino-aprendizagem, a preponderância da palavra sobre outras linguagens permite maior estimulação do aluno-leitor: “a palavra escrita [...] estimula a formação de imagens e evoca metáforas cujo significado depende sobretudo da imaginação e das experiências do leitor.” (BARRETO, 2000 apud BELISÁRIO, 2006, p. 140).

Para Bakhtin (2006, p. 114), “a palavra dirige-se a um interlocutor”, mesmo que este não seja real, e, portanto, variará de acordo com o interlocutor, a situação na qual se insere e o que o autor chama de “auditório social” (deduções interiores, motivações, apreciações etc.). A palavra, segundo Bakhtin (2006), procede de alguém e se dirige a outro alguém, cujo horizonte deve ser definido a priori, e é o produto da interação entre o locutor e o ouvinte: “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 2006, p. 115). A palavra, portanto, não pertence exclusivamente ao locutor. Esse dado torna-se muito importante na elaboração de MDI para EAD, pois há que se pensar no interlocutor: “a situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação” (BAKHTIN, 2006, p. 116) e no auditório social que o envolve. Por esse prisma, a

linguagem deixa de ser um canal de transmissão de informações e volta-se para a construção do conhecimento e interação pela linguagem.

A elaboração de um texto para o MDI deve envolver locutor e interlocutor, em uma ação conjunta que favoreça a interação e participação do leitor-aluno-interlocutor, levando-se em consideração que o locutor é o dono da palavra em determinado momento, mas é o instante fisiológico da materialização da palavra (ato físico). Contudo, de acordo com Bakhtin (2006, p. 115), se considerarmos a materialização da palavra como signo, “a palavra [...] é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais”. A enunciação concreta que se traduz, nesse caso, no MDI, será determinada pela relação professor-aluno em que o professor autor se materializa no texto, exercendo sua narratividade e potencialidade autoral, envolvendo o aluno ou interlocutor em uma relação de aproximação e cumplicidade e promovendo um diálogo que contribui para a motivação (fundamental em um curso a distância para evitar a evasão), curiosidade (e pesquisa) e reflexão do aluno-interlocutor. Todavia, a dialogicidade, característica inerente da linguagem, segundo Bakhtin (2006), não se exprime somente na saudação informal ou no apelo esporádico ao interlocutor, mas, como afirma Belisário (2006, p. 146), é “aquí entendida como a capacidade de produção de um material no qual os textos, por exemplo, reproduzam, simulem ou antecipem a possibilidade de um diálogo entre autor e leitor, que permita a este último uma percepção de igualdade e não de inferioridade ou passividade frente ao ‘professor.’”.

O professor que deseja alcançar o aluno que estuda na modalidade a distância não pode basear-se no estilo que utilizaria para a redação de artigos científicos ou monografias. Contudo a utilização de uma linguagem coloquial que o aproxime do aluno não é suficiente para que o MDI seja de qualidade: “O grande desafio do autor de texto didático é aproximar o discurso científico (escrito) às condições do discurso narrativo (oral).” (PRETI, 2009, p. 15). A linguagem do MDI insere-se, portanto, nesse intervalo entre o discurso científico moderado (considerando-se a necessidade de dosar a profundidade do conteúdo ao interlocutor em questão – seu *background* –, o tipo de curso – graduação ou pós-graduação – e o relativo semestre, se graduação, entre outros) e o discurso narrativo oral.

É fundamental refletir sobre o desafio salientado por Preti (2009) em relação à aproximação entre discurso científico e discurso narrativo oral. Preti (2009) também se refere à dificuldade de determinados docentes em adaptarem-se à linguagem para esse tipo de material: alguns encaminham artigos científicos e teses e a preparação do texto e adequação para a modalidade a distância ficam a cargo do revisor didático (ou *designer* educacional); outros o consideram um espaço exclusivo para exposição de conteúdo sem atentar para as características da EAD. Faz-se necessário optar por uma concepção de linguagem que orientará o MDI e destacar os recursos linguísticos e textuais que devem ser utilizados para conduzir o aluno-interlocutor à reflexão, à resolução de problemas, ao questionamento crítico e ao desenvolvimento de posicionamentos pessoais: “o guia de estudo tem por finalidade substituir as explicações usuais dadas por um instrutor em sua sala ou na sala de aula, e a linguagem deve refletir essa situação” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 118).

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (ABED). **Censo EAD.BR**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil. São Paulo: ABED / FGV online/ UNINTER, 2013. Disponível em: <http://www.abed.org.br/censoead2013/CENSO_EAD_2013_PORTUGUES.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BELISÁRIO, Aluizio. O material didático na educação a distância e a constituição de propostas interativas. In: SIL-

- VA, Marco (Org.). **Educação online**: teorias, práticas, legislação e formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2006.
- BRAIT, Beth. Interação, gênero e estilo. In: PRETI, Dino. **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: FFLCH/Humanitas, 2002. p. 126-157.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais de qualidade para educação superior a distância**. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/ReferenciaisdeEAD.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- _____. Ministério da Educação. **Referenciais de qualidade para educação superior a distância**. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- CATAPAN, Araci Hack et al. **Uma metodologia para elaboração de material didático para EAD**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010230351.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- CAZAROTO, C. A interação a distância: recursos textuais empregados em EAD. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3., 2007, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007. p. 1257-1266. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/018.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- CRESCITELLI, Mercedes Fátima Canha; CAMPOS, Karlene Socorro da Rocha. A escrita do material didático virtual. In: BASTOS, Neusa Maria de Oliveira Barbosa (Org.). **Língua portuguesa - Reflexões Lusófonas**. São Paulo: EDUC, 2006. p. 317-334.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula**. Trad. de Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- HATOUM, M. **Por que traduzi Flaubert**. 2012. Disponível em: <<http://www.miltonhatoum.com.br/do-autor/traducoes-do-autor/por-que-traduzi-flaubert>>. Acesso em: 30 jan. 2014.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MILL, D. Educação virtual e virtualidade digital: trabalho pedagógico na educação a distância na idade média. In: SOTO, U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I. V. (Org.). **Linguagem, educação e virtualidade**. Experiências e reflexões. São Paulo: Cultura Acadêmica-UNESP, 2009. p. 29-51.
- MOORE, M. G. Editorial: three of interaction. **American Journal of Distance Education**, v. 3, n. 2, 1989. Disponível em: <http://www.ajde.com/Contents/vol3_2.htm#editorial>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- MOORE, Michael, KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson, 2007.
- MORAN, J. M.. **Avaliação do Ensino Superior a Distância no Brasil**. São Paulo, 2007. Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran/avaliacao.htm>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- PRETI, Dino. **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: FFLCH/Humanitas, 2009.
- RONDELLI, E. Material didático: interatividade é fundamental. **Universo EAD – Mercado**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.ead.sp.senac.br/newsletter/novembro06/mercado/mercado.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- SANCHEZ, F. (Coord.). **Anuário brasileiro estatístico de educação aberta e a distância (ABRAED) 2008**. São Paulo: Instituto Monitor, 2008. Disponível em <<http://www.abraead.com.br/default.asp>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- SILVA, Ivanda Maria Martins. **Elaboração de materiais didáticos para educação a distância**. **Eutomia – Revista Online de Literatura e Linguística**, ano 4, v. 1, p. 316-338, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano4-Volume1/linguistica/LINGIMARTINS.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2014.
- SOUSA, Rosineide. M. de. **Gênero discursivo mediacional**. Universidade Católica de Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/116.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- TEZZA, C. Material didático – um depoimento. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 20, p. 35-42, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.cristovaotezza.com.br/textos/palestras/p_materialdidatico.htm>. Acesso em: 10 jan. 2014.

Recebido em: 02.06.2014

Aprovado em: 06.10.2014